

# Memórias do Capan

*Lúcio Ambrosio Hupalo (org.)*

**Editora Monstro dos Mares**

União da Vitória – PR

Novembro de 2018

**Aviso de copyleft:** Esta publicação é uma ferramenta de luta contra o capitalismo, a colonialidade e o patriarcado em todas as suas expressões. Por isso, pode e deve ser reproduzida para ler em qualquer lugar, discutir em grupo, promover oficinas, citações acadêmicas, rodas de conversas e fazer impressões para fortalecer o seu rolê anarquista / hacklab ou hackspace / banquinha de zines / coletivo. Compartilhar não é crime. Pirataria é multiplicação.

## **Memórias do Cepam**

ISBN: 978-85-68845-12-7

Textos produzidos por alunos e alunas Ensino Médio do Colégio Estadual Pedro Araújo Neto (Cepam) de General Carneiro e organizados por Lúcio Ambrosio Hupalo.

Organização: *Lúcio Ambrosio Hupalo*

Prefácio: *Dra. Giselle Moura Schnorr*

Revisão de texto: *Maria Lucia Müller Scheidemantel*

Diagramação e capa: *Tiago Jaime Machado*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

M533 Memórias do Cepam / Lúcio Ambrosio Hupalo (org.). – União da Vitória (PR): Monstro dos Mares, 2018.  
52 p. : 14 x 21 cm

ISBN 978-85-68845-12-7

1. Colégio Estadual Pedro Araújo Neto – História. I. Hupalo, Lúcio Ambrosio.

CDD 981.62

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

### **Editora Monstro dos Mares**

Caixa Postal 155

União da Vitória – PR

[www.monstrodosmares.com.br](http://www.monstrodosmares.com.br)

[editora@monstrodosmares.com.br](mailto:editora@monstrodosmares.com.br)

Publicado no ano de 2018, quinquagésimo primeiro aniversário do Cepen, gestão de Professor Vilmar Simm e Professora Andreia Maria Esmocovski.

## **Alunos(as) participantes:**

*Adriano José dos Santos*

*Amanda Aparecida Barbosa de Andrade*

*Camile Dubisnki*

*Carla Rafaella Salles*

*Cristina Mendes*

*Edyara Beatryz Correia*

*Elisama Gabriele Araújo*

*Erike Gustavo Ramos de Camargo*

*Fabiano Mateus Olinkevicz*

*Fabiele Amanda da Silva Carneiro*

*Gabriela P Da Silva de Lima*

*Gilmara Soares da Silva*

*Hueverton Antonio Duczinsky Wouk*

*Izael Chagas*

*Jessica das Graças Camargo*

*Jessica de Fátima Pelantier*

*Juliano Ferreira*

*Junior Carvalho da Silva*

*Kaillane de Fátima Martins da Rosa*

*Kimberly Victória Woginski*

*Lais Brasil*

*Lais Martins de Oliveira*

*Lidiane Aparecida de Lima*

*Lucas da Silva*

*Luiz Gustavo Calixto*

*Maria Eduarda de Paula*

*Maria Fernanda Seroiska*

*Mateus Correia de Almeida*

*Paola Daniele Koguta*

*Rafael Ferreira*

*Tainara Camargo Cordeiro*

*Tamires Roberta da Silva*

*Vinicius da Luz Gaiovis*

*Vitória Caroline dos Santos*

*Vitória Nakalski de Campos*

*Vitória Volinkevicz*

# Prefácio

## **A escola**

“Escola é... o lugar onde se faz amigos não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima.

O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão.

Nada de ‘ilha cercada de gente por todos os lados’.

Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se ‘amarrar nela’!

Ora, é lógico... numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz”

***Paulo Freire***

Cada um e cada uma de nós tem histórias para contar, seja da infância, de viagens, de momentos felizes ou tristes, de coisas boas ou ruins. Somos viajantes de nosso tempo, com vivências e memórias. Escrever sobre memórias é, de certa forma, reviver o vivido. É lembrar para não esquecer. É comunicar sobre sentimentos, ideias, medos, sonhos, tristezas, realizações e frustrações.

As memórias que compõem esse livro são registros que nos convidam à reflexão. Ao realizar a leitura fui imaginando as cenas, as situações, os rostos, assim como os múltiplos sentimentos que as escritas revelam. Trata-se desta juventude que tem muito a dizer! Nos relatos há uma diversidade de percepções, de vivências e um elo comum que une os escritores e as escritoras deste livro: a ESCOLA!

A Escola é uma instituição que marca nossas vidas. Ninguém passa imune pela Escola. Ela deixa marcas e somos marcados por ela. Ao narrar algumas de suas memórias sobre a escola estes jovens exercitam um ato de transgressão, pois escrevem suas próprias histórias na história das escolas por onde passaram. Sugiro a leitura com olhos atentos e o coração aberto. Há múltiplos sentidos à escola aqui destacados!

Os escritores e as escritoras do Colégio Estadual Pedro Araújo Neto – CEPAN, no município de General Carneiro – PR nos conduzem à escola como experiência vivida e sentida, nas salas de aula e muito além delas; além dos livros didáticos e do controle dos adultos; além dos currículos prescritos e das aprendizagens medidas em avaliações.

Trata-se de narrativas autobiográficas, de histórias de vida no ambiente escolar. E como há vida nestas narrativas! Vidas que aprendem e ensinam; que sorriem e choram; que desde muito cedo precisam “lidar” com as duras adversidades da vida socialmente desigual, do mundo do trabalho que atrapalha os estudos, da violência no cotidiano escolar e extraescolar, do preconceito e da discriminação. Mas, também, da vida de conquistas, de realizações e de afetos.

Na arte de lembrar aqui exercitada há seleção de fatos, situações, sentimentos. Aqui encontramos memórias que, também, revelam a instituição escolar como espaço de aprendizagens, de socialização, de criação de vínculos, de amizades, assim como de apropriação de conhecimentos e saberes.

A escola vive em nós e nós fazemos a escola. As narrativas que seguem são autobiográficas, mas não são mera expressão de sentidos de indivíduos isolados, ao contrário! São exercícios de autoeducação e um convite à reeducação do olhar para este espaço chamado Escola!

Ao puxar o fio da meada das memórias sobre a Escola na vida destes meninos e meninas o Prof. Lúcio Ambrósio Hupalo não só está ensinando História, mas como podemos fazer História. Ensina que podemos aprender com o vivido e fazer diferente. Olhar o caminho percorrido, com inspirações e aprendizados trilhar outros, quiçá melhores!

Trabalhar com memórias é realimentar a experiência, a sabedoria, a imaginação. Neste tempo em que vivemos, de consumismo, de relações humanas superficiais e competitivas, de violências, de intolerâncias e de ausências de utopias, valorizar as experiências de vida é transgredir, resistir...

Quando remexemos a nossa caixinha de memórias, algumas secretas, as experiências surgem e revelam nossos elos; revelam que somos sujeitos de possibilidades que se constroem em nossa história individual e comunitária.

Neste movimento de lembrar e escrever, cada escritor e escritora, deste livro foi muito além da informação e da descrição. Cada um e cada uma se torna aqui autor e autora! Escritor e escritora! Revela que se professores e professoras ampliam os sentidos de suas aulas gesta-se oportunidades de encontrar histórias surpreendentes que surgem a partir da experiência de cada uma e de cada uma.

As experiências aqui lembradas dizem muito da forma escolar, de sua lógica de funcionamento, de controle, disciplinamento, de punição, de aprovação, de reprovação, de memorização, de relações de ensino e aprendizagens mecânicas ou significativas. Dizem muito dos vínculos de afeto, das aulas que comunicam e ensinam; de professores e professoras inesquecíveis; da escola que se faz fora da escola, em passeios, viagens, aulas de campo,

em atividades artísticas e esportivas, no pátio, no recreio, nas brincadeiras e nas brigas, nas descobertas do amor, do namoro e, algumas vezes, da maternidade ou paternidade precoce. Experiências que revelam a tomada de consciência política na participação nas lutas em defesa da escola pública como nas ocupações estudantis e greves, assim como a compreensão de que um mundo melhor passa por escolas melhores.

Ao lermos estas narrativas sobre a escola adentramos na vida dos narradores, em experiências que os marcaram e com as quais podemos nos reeducar no modo de ser e estar um com os outros, na escola e fora dela, exercendo o acolhimento por meio da comunicação e da escuta sensível. As palavras destes/as jovens escritores/as emanam sentimentos, as vezes, de dor, as vezes de alegria, pois a escola é, também, espaço de sentir. Emanam desejos, sonhos, criatividade e ensinam que a escola pode ser mais espaço de imaginação do que de mera memorização.

Escrever é assinar algo no tempo que virá, convidando quem nos lê a conosco estar. Tive a grata satisfação de estar com cada um e cada uma de vocês ao ser uma das primeiras leitoras destas memórias. Amanda, Cristina, Izael, Rafael, Tamires, Jéssicas, Huerverton, Fabiele, Vitória, Laís, Junior, Adriano, Paola, Fabiano, Lidiane, Mateus, Kaillane, Kimberly, Camile, Gilmar, Carla, Juliano, Gabriela, Erike, Luiz Gustavo, Elisama, Tainara, Marias, Edyara, Laís Brasil, Vinicius, vocês estiveram comigo enquanto os lia e desejo que sigam escrevendo suas próprias histórias, com afeto e com garra!

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Giselle Moura Schnorr**

*Docente e pesquisadora da Universidade Estadual do Paraná, campus União da Vitória. Graduada em Filosofia pela UFPR, Mestra em Educação pela UFPR e Doutora em Educação pela USP.*



# Apresentação

Lembro bem de meu Ensino Médio. O primeiro ano, novo colégio, novas matérias, novos colegas, novas amizades e novas descobertas. Como na época que saí do “primário” e fui para a “quinta série”, estava a inaugurar uma nova fase da vida. Mas, diferente dos outros anos em que estive na escola, no Ensino Médio foi tudo tão rápido. Quando me dei conta, já era a terceira e última série. Teve baile de formatura e, antes, no decorrer do anos, festas e festas. Infelizmente, em época que não contávamos com celular/câmera fotográfica, pouca coisa ficou registrada, a não ser em nossa memória para, vez por outra sentirmos aquela nostalgia. Tivéssemos ao menos escrito alguma coisa na época...

Fiquei muito feliz quando minhas turmas de Ensino Médio do CEPAN aceitaram o desafio e escreveram suas memórias. Foi uma trabalhadeira grande. Ler todos os textos, digitar, pedir para que arrumassem isso ou aquilo, correr contra o tempo. Mas, está aí o material onde, maravilhosamente, meus alunos e alunas contaram muito do que significa a escola para eles e elas.

Não há muito o que dizer, a não ser agradecer a essa garotada que faz a gente ter tantos momentos felizes ao longo do ano.

***Lúcio Ambrosio Hupalo***

*Professor de História no Colégio Estadual Pedro Araújo Neto*



## **Adriano José dos Santos, 3ª série A.**

Meu nome é Adriano, tenho 18 anos e vim aqui descrever as boas memórias que eu já tive no colégio.

A primeira lembrança era quando eu estava na quarta série, quando no dia do desafio quase chegando na praça Quindrade, meu amigo Diego falou para nós irmos pelo calçamento que só tinha mato, para que chegássemos antes para não pegar fila para ir nos brinquedos. Então resolvemos ir correndo e na metade do caminho tinha um arame no chão em frente a um poste. Eu enrosquei o meu pé no arame e bati minha cabeça no poste.

Meu deus! Doeu bastante. Abri o berreiro e mais atrás estava tendo uma carreta com ambulância, bombeiros, polícia. Pararam todos para vir me socorrer.

Outra lembrança que eu tenho é quando eu estava na oitava série, eu ficava o dia todo no colégio. De manhã eu estudava, à tarde tinha reunião do Grêmio estudantil, no fim da tarde eu tinha ensaio na Fanfarra e à noite fazia Espanhol. Era muito bom porque ficava o dia inteiro no colégio e ficava com meus amigos conversando, zoando, etc.

Tinha as viagens da fanfarra. A primeira não foi “aquela viagem” pois, foi para União da Vitória, no concurso do Cinfaban. Ganhamos o primeiro lugar de nossa categoria. Teve o estadual em Teixeira Soares, outro em Antonio Olinto e outro estadual em Guarapuava. Esse último foi o melhor porque tinha bastante gente e foi muito legal.

Já no nono ano, meu deus, para mim era o grande ano pois, iria me formar no Izelina. Meus colegas aproveitaram bastante, aprontavam todos os dias, tiravam a porta de metal do lugar, mas depois colocavam no lugar. Bebiam às vezes e atormentavam os professores. Teve um tempo que a polícia estava o tempo todo no colégio atendendo ocorrência da minha turma. Também teve as viagens com o professor Lúcio e o professor João Reinaldo que

foram inesquecíveis pois eram muito legais. Meus colegas bebiam um pouco e iam para a viagem bem loucos, só para atormentar o resto da turma. Também era bom porque era um modo de aprendizagem novo. Aquelas viagens eram parte da aula e era muito legal porque conhecíamos gente nova, fazíamos amizades novas, conhecíamos lugares novos. Era muito bom.

Em 2016 comecei a estudar no Capan. No começo era legal porque era uma coisa nova, um novo desafio mas, depois foi desgastando.

No Izelina tinha várias atividades para manter o aluno no colégio. No Capan não tem nenhuma. Uma das atividades que eu amava no Izelina era o grupo de teatro e dança que, infelizmente, no Capan não tem. A única coisa diferente que eu sei que tem no Capan é a fanfarra, porém, os alunos não se interessam em participar, não sei porque pois, é a única coisa muito boa. Alguns alunos se tornaram músicos porque participaram da fanfarra.

---

## **Amanda Aparecida Barbosa de Andrade, 2ª série A**

Na época do primário eu era muito barraqueira. Então, só me lembro de brigas e discussões. Lembro de uma vez que umas meninas xingaram minhas amigas e eu. Resolveram o problema num dia em que eu não fui. No outro dia eu tranquei as meninas no banheiro e comecei a discutir. Uma delas, a menorzinha, escapou e chamou a diretora que ficou do meu lado.

Lembro também de um menino que era apaixonado por mim (não o culpo). Ele cantava e tocava violão. Algumas vezes levava o violão para o colégio e cantava para mim.

Já aqui no Cepan tive a oportunidade de ir para os jogos, no Bom de Bola. Eu nem joguei, fiquei no banco de reservas todos os jogos, no sol. Voltei queimada e com insolação. Mas, fiz muitos amigos e tenho muitas histórias boas e engraçadas.

Também no Bom de Bola, em Paulo Frontin, enquanto eu chorava lá fora do colégio e o Jackson veio me consolar, apareceram duas meninas que levaram eu e a Jessica para conhecer a cidade e fomos beber. Voltei pra casa meio tonta e com dor das queimaduras.

No ônibus quase apanhei da Jessica por ficar com um menino depois de jurar que não ficaria com mais ninguém.

Chorei com uma amiga no ginásio porque descobrimos que o namorado dela a estava traindo. Chorei porque estava de TPM. Bem no fim, eu estava sendo traída...

Enfim, são muitas histórias e muito boas, irei guardar sempre na memória.

## Camile Dobinski, 1ª série D

Minha história começou quando entrei no sexto ano. No começo foi muito difícil até me acostumar com todas as mudanças pois, onde eu estudava tinha só um professor dando aula e depois eram vários.

Passados alguns meses estudando, passei a sofrer bullying por ser do interior. Me chamavam de coisas que eu não gostava. Uma delas era “caipira”. Esse apelido, me deram porque eu tinha dificuldade em pronunciar palavras que tem o “r”. Como não gostei desse apelido, contei para meus pais e minha mãe foi até o colégio e com uma boa conversa tudo foi resolvido.

No sétimo ano tudo foi tranquilo. As coisas foram ficando um pouco mais complicadas no oitavo e no nono ano pois, conforme vão passando os anos aumentam os conteúdos e aumenta também a responsabilidade, graças a Deus.

Primeirão está difícil mas, vamos lá! Quero ser alguém na vida. Então, vamos correr atrás dos nossos sonhos, alcançar nossos objetivos.

---

## **Carla Rafaella Salles, 1ª série D**

Minha história no colégio começou na quarta série, ainda Monteiro Lobato. Por falta de sala nós estudávamos na casa da professora Isabel, onde quebraram o espelho do banheiro e ninguém teve coragem de admitir. Devido a isso, foi combinado que todos iriam contribuir para pagar o espelho mas ninguém contribuiu.

Nessa época eu era bem problemática em relação a saúde mas, até que foi de boa.

Na quinta série ocorreram mudanças físicas, psicológicas e etc. Começaram as perseguições. Tanto que eu não gostava da Emili mas, tive de aprender a conviver com ela por ser minha colega. Começamos a ter aula no “Tio Tonho” ainda por falta de sala.

Nossas aulas de Educação Física eram na quadra de baixo com o professor Neander (querido ele, bem querido!). Como não tinha medo de mudanças, resolvi cortar o cabelo pra baixo da orelha. Chegando na formatura da quinta série, uns me chamaram de louca e os demais até gostaram.

Isso me afetou bastante na sexta série onde o cabelo tomava um vento e já armava. Comecei a sofrer bulling. Era “Rei Leão”, até música eu tinha. Até que nem ligava tanto. Levava na boa.

Na sétima série comecei a me importar com aparência física e com o que as demais pessoas achavam e pensavam. Resolvi alisar o cabelo. Uns até me apoiaram. Outros falaram que o cabelo era melhor daquele jeito antigo. Não entendia.

Na oitava série foi tudo de boa. Fomos para alguns lugares. Na nona, aumentaram as dificuldades e as cobranças. Não podia falhar. Tinha de ir direto para o primeirão!

Sofri bulling de volta mas, deixei de boa. Pois aprendi a não ligar para o que os outros achavam ou pensavam.

No primeiro bimestre não ligava muito para os estudos e começaram a aparecer notas baixas. Logo comecei a me importar: nerd!

Então, um negócio ruim me fez separar de pessoas que gostava.

Enfim, primeirão!

Ninguém fala bem do primeiro pois, doze matérias, nossa! Mais cobranças pra quem não ficar esperto. Até que é de boa. Os professores bem bacanas. Uns a gente até que fica meio assim... Enfim, temos de estudar para garantir um futuro melhor e realizar sonhos.

---



## **Cristina Mendes, 2ª série A**

Era o ano de 2008. Eu iniciava o meu primeiro ano na Escola Divino Espírito Santo (Marco Cinco). Lembro-me que eu estava muito ansiosa para o meu primeiro dia de aula onde ocorreu um fato muito engraçado, a professora Maria Marly, após nós terminarmos de copiar a matéria que estava no quadro, apagou o quadro. Eu sem muita consciência do que fazer, comecei a apagar toda a matéria que tinha copiado em meu caderno. Já que era meu primeiro dia de aula, não sabia muito o que fazer, então decidi fazer tudo o que a professora estava fazendo.

Eu estudei da primeira até a quinta série na Escola Divino Espírito Santo, onde na sala havia cinco filas. Cada aluno pertencente a cada série sentava em uma fila, já que não haviam muitos alunos na escola. Era muito divertido estudar ali, pois no fundo da sala havia o “Cantinho da Leitura”, onde tinha vários livrinhos de personagens de desenho animado. Então, quando o aluno terminava a atividade passada pela professora, podia ir até lá e ficar lendo os livrinhos. E também, muitas vezes a professora realizava atividades diferenciadas conosco como, por exemplo, a professora pedia para as meninas levarem pedaços de tecidos e os meninos tampinhas de garrafa pet. Enquanto as meninas faziam um tapete com os tecidos para colocar na porta da sala, os meninos faziam outro com as tampinhas, para que no dia em que chovesse, limpássemos os nossos calçados para não sujar a sala. E também a professora realizava várias brincadeiras conosco durante o recreio e todos participavam. Durante as atividades que a professora nos passava, tabuada, por exemplo, se um aluno tinha mais facilidade podia ajudar outro colega que apresentasse dificuldades na realização das atividades. Então, eu posso concluir que esta foi uma fase de muito aprendizado e diversão escolar.

Em 2013 eu iniciei o Ensino Fundamental no Cepan. Lembro-me que no sexto ano eu tinha de fazer aulas de reforço nas disciplinas de Português e Matemática e, como a aula começava na segunda aula do período da tarde, como a maioria dos alunos chegava antes do horário de começar a aula. Então ficávamos correndo pelo colégio, brincando de pega-pega e também, durante o recreio, andávamos correndo pelo meio dos outros alunos. Na oitava série eu comecei a fazer curso de Espanhol que tinha no colégio. Lembro que um dia o professor passou um filme (na minha opinião) muito engraçado do Mr. Bean, onde apenas eu, a Cristiane e o professor dávamos risadas. Não sei como os outros alunos não achavam graça daquele filme!

Lembro que a professora de português teve uma ideia de ensaiarmos uma peça de teatro para apresentar na semana cultural que iria ter no colégio. Passamos várias aulas ensaiando. Chegou o dia de apresentar e a aluna que estava com todo o cenário não chegava. A professora começou a ficar nervosa e, acabamos não apresentando. No outro dia quando tivemos aula com a professora ela mandou todos ajudar a pagar as roupas que uma outra aluna tinha mandado fazer para se apresentar. Como uma das alunas não foi e não apresentamos, todas tivemos de pagar.

Não vou me prolongar. Vou falar resumidamente sobre a viagem que eu fui com a minha turma do nono ano com o professor Lúcio para a Lapa, referente à matéria que estávamos estudando naquele período. Foi muito divertido. Quando estávamos a caminho, alguns alunos colocaram pasta de dente no rosto de um outro aluno que estava dormindo! Visitamos pontos históricos, fomos até a gruta do Monge onde, no caminho até a gruta passamos por várias fontes de água que descem pelas pedras. Foi uma viagem muito interessante pois, pudemos compreender melhor a história do Monge José Maria D'Agostinis, que dedicou boa parte da sua vida à meditação e o local em questão, foi onde o monge escolheu para passar boa parte da sua vida. Posso dizer que foi uma viagem que nos proporcionou vários conhecimentos e também diversão.

Bem, o Ensino Médio posso dizer que, o primeiro ano foi um ano de muito estudo e esforço, também de apresentar muita criatividade nas realizações dos trabalhos que, posso destacar um trabalho que a professora de Artes pediu para fazermos com o seguinte propósito: provocar algum sentimento nos alunos que visitariam o trabalho exposto, sendo este sentimento bom ou ruim. Então, eu tive a ideia de fazer o “Cantinho do Amor” com várias brincadeiras para os outros alunos participar. Como por exemplo, várias bexigas enumeradas. Cada número que estava nas bexigas também estava atrás de uma plaquinha que tinha a representação de carinhas e emoções, em que a pessoa escolhia o de sua preferência. O número que estivesse atrás da plaquinha escolhida seria a bexiga com o mesmo número. Ela iria estourar e então, dentro teria balas ou farinha de trigo. Também tinha várias outras brincadeiras que foram um sucesso. Eu acho que foi um dos melhores trabalhos que já fiz!

Essas foram algumas das coisas vivenciadas por mim em todos esses anos estudando. Creio que no momento em que estiver lendo esta parte do texto já estará exausto de ler. Kkk

---

## **Edyara Beatriz Correia, 2ª série A**

No colégio acontecem várias coisas que deixam aquele momento registrado que, com o passar do tempo são sempre lembrados. Em todo lugar por onde passamos sempre guardamos memórias de momentos vividos e isso é mais intenso ainda no colégio.

Em junho de 2017 por conta de termos de mudar de bairro, precisei mudar de colégio e assim, vim estudar no Cepan. Como toda mudança, no começo provoca um certo medo e assusta por não saber como serão as pessoas e até mesmo o lugar e, é claro que essa mudança para mim também foi assim.

No primeiro dia de aula no novo colégio foi, de certa forma estranha, talvez pelo fato de estarmos em apenas três alunos na sala. No segundo dia eu já estava mais tranquila e comecei a fazer amizades.

Com o passar do tempo as amizades foram ficando mais intensas e eu acabei desenvolvendo mais afinidades com duas pessoas que agora são duas das melhores pessoas da minha vida. E no final do ano, todos os alunos eram mais meus amigos. Sinto muito carinho e falta deles.

---

## **Elisama G Araújo, 2ª série A**

Tudo começou na Escola Municipal Maria José, onde eu estudei por cinco anos. Conheci muitas pessoas por lá. Tenho amizade até hoje com algumas dessas pessoas. São pessoas incríveis que considero bastante.

Eu lembro que eu adorava ir ao parquinho nas aulas de Educação Física. Lá perto tinha um lugar onde tinha vários caixões dentro. Eu e meus colegas começamos a ter muitas paranoias em relação a isso. Contávamos histórias de terror, íamos também em um brinquedo e imaginávamos que era o Barco Viking. Isso chega a ser inusitado e nostálgico.

Vim estudar no Cepan na sexta série e fiz muitos amigos também. Lembro de um dia que fomos ao cemitério com nossa turma do oitavo ano. O professor que estava nos acompanhando era o professor Célio. Foi um dia muito massa. Rimos bastante naquele dia.

---

## **Erike Camargo, 2ª série A**

Eu comecei a estudar no Monteiro Lobato ainda no 3º ano. Antes, seu estudava no colégio do Iratim, ou São Francisco de Assis. No começo era tudo estranho mas aí comecei a fazer amizades. Até hoje, uma delas é o Arthur, que desde o 3º ano fizemos amizade. E tinha meu outro amigo, o Everton e também o Cleiton que chamávamos de “Boi”.

Hoje em dia o Everton está trabalhando no pinus. Desde que saiu do sétimo ano, começou a trabalhar. O Cleiton (Boi) se casou com uma mulher lá do bairro São João, é pai e anda trabalhando.

Nossa primeira arte foi ter pulado o portão quando estávamos no primário. Era aula vaga e fugimos. No recreio ficávamos correndo do Boi porque o chamávamos assim. Ele não gostava. Antes de começar a aula, sempre tinha uma roda de piá vendo revista de mulher pelada (Playboy).

Depois, fizemos outra arte. Um dia estávamos com o livro do professor copiando as respostas, um piá viu e nos entregou. Escondemos o livro, mas mesmo assim deu uma treta do cão, pois o menino tinha escrito o nome da professora numa folha e ainda pôs ali um palavrão. Ela começou a xingar ele e fomos parar na direção.

Certa vez, estávamos na educação física e tinha um só banheiro pra todos usar. A professora tinha ido e, eu e meu amigo resolvemos também ir ao banheiro. Quando entramos a professora estava lá mijando. Saímos correndo. Foi uma das coisas mais engraçadas que aconteceu.

No final do quinto ano nós mijávamos nos copos em que as pessoas iam tomar água. Isso era bem nojento.

No 6º ano, nós fomos considerados uma das piores salas do colégio. Fazíamos muita bagunça e até expulsamos um professor da sala. Numa outra vez deu uma briga comigo e com um piá dentro da sala. Eu apanhei porque o piá era bem maior que eu. Foi uma das coisas mais engraçadas que aconteceu. Nos anos seguintes já estávamos mais maduros, muitos reprovaram ou mudaram de turma ou foram para outros colégios. Da turma lá do passado só fiquei eu, o Arthur, a Maria Fernanda, a Maria Eduarda de Paula, o Alam, a Livian, a Juliana e a Isabelly.

Depois de tudo isso, estou aqui no segundo grau e, se tudo der certo, vou terminar os estudos.

---

## **Fabiano Mateus Olinkevicz, 1ª série D**

No meu primeiro ano no Izelina fiquei meio envergonhado mas encarei entrar na sala. Eram oito matérias: inglês, história, ensino religioso entre outras. Tivemos aulas muito boas com professores que me ensinaram a estudar, não fazer bagunça como as pessoas faziam. Fui estudando e aprendendo. Fiz amizade com todo o colégio, aprendi como fazer trabalhos para entregar para os professores, aprender como fazer desenhos, contas, raiz quadrada, etc.

As viagens eram das coisas que eu mais gostava. No sexto ano fomos ao cemitério e à Igreja do Marco Cinco. Dali seguimos para a visitação ao Chalé do Produtor onde há as esculturas. Um menino bagunceiro quebrou um braço de madeira que ligava os dois bois também de madeira. Viajamos também para União da Vitória. Lá visitamos o estádio de futebol e o vau do Rio Iguaçu.

No sétimo ano joguei torneios, perdi e ganhei. Mas, o que eu queria era jogar, fazer gols. As vezes saia chateado por perder, mas ia para as aulas, me distraía e não pensava no jogo. Pensava em estudar. Daí passei de ano, fui para o oitavo ano e aí, as coisas ficaram difíceis. Fizemos caminhadas até o Marco Cinco, a Cruz do Aviator, o cemitério e até a igreja. Gostei muito desse passeio. Tivemos festas juninas, gincanas, oficinas daquelas de fazer máscaras, comidas, desenhos. Então fui para o temido nono ano do ensino fundamental. Eram quatro bimestres ao todo. Tinha de ter 24 pontos. Se não tivesse isso, reprovava no nono ano. Tínhamos de arrecadar dinheiro para a formatura. Fizemos promoções de sonho, brigadeiros, cachorro quente, pastel e outras coisas. Fizemos torneios e ganhamos.

Depois desse ano, que passou tão rápido, eu só pensava em ir para o Ensino Médio. Mas antes, eu tinha de fazer a viagem para Treze Tilhas. Viagem cansativa. Lá fui eu, ficar um dia inteiro naquele parque de piscinas. Fiz a formatura no Izelina, peguei meu certificado, tirei foto e vim para o Cepan. Conhecer amigos novos de bom coração e estudar para ver se termina bem mais um ano e passar para a frente.



## **Fabiele Amanda da Silva, 3ª série A**

Meu nome é Fabiele. Faz quatro anos que eu estudo aqui no Cepan.

Lembranças mesmo que eu tenho são do tempo de meu outro colégio, o Izelina, pois foi lá que eu estudei até o nono ano.

A lembrança que eu tenho e que marcou, foi de um dia em que eu e minhas amigas Adrielen e Nicole resolvemos gazar aula. Saímos da sala depois do recreio e achamos que o portão estaria aberto. Para nossa tristeza o portão estava fechado. Quando olhamos para traz, notamos a diretora, saímos correndo e nos trancamos as três no banheiro, em um só banheiro. Até aí tudo bem. A diretora não nos achou, mas a tia da limpeza foi limpar os banheiros e não conseguia abrir a porta e nós nos segurando pra não dar risada. Bem no fim, a tia não conseguia abrir a porta e teve de chamar os meninos para desemperrar a porta. Quando os meninos empurraram, a minha amiga que estava trepada no vaso caiu com o pé dentro do vaso todo sujo de xixi.

Moral da história:

além dela ficar fedendo urina, levamos advertência.

---

## **Gabriela da Silva de Lima, 1ª série D**

Eu me lembro de quando eu estudava em uma escola no interior chamada Dom Pedro I. Era bem pequena e eram cinco turmas em uma mesma sala. Lembro que minha tia tinha de dividir o quadro em cinco partes para poder passar a matéria para todos os alunos. Foi nessa escola que eu conheci a maioria dos meus amigos.

Minha tia Terezinha de Lima era a professora. Ela deu aulas ali durante vinte e oito anos. Eu tive aulas com ela apenas do primeiro ao terceiro ano. Aprendi várias coisas com ela. Minha tia resolveu se aposentar. Logo após a saída dela entrou a professora Rosa. Ela dava aulas em minha escola e também em outra, no Horizonte. Após algum tempo, ela resolveu juntar todas as crianças das duas escolas em que ela dava aulas em uma só. Foi aí que eu conheci a Daiane, minha melhor amiga. No começo foi muito estranho, pois eu não gostava muito dela. Eu a achava chata e metida. Enfim, era assim porque eu não a conhecia direito. Com o tempo fui aprendendo a gostar dela. Estudamos juntas por um bom tempo, até terminar a quinta série.

Depois tivemos de nos separar porque eu fui estudar no Cepan e ela no Iratim, já que não conseguiu vaga aqui. Mas, mesmo assim a gente deu um jeito de se comunicar. Trocávamos cartinhas. Fizemos isso por um bom tempo.

Ao chegar no Cepan, vi que tudo era diferente pois havia um professor para cada matéria. No começo eu estranhei bastante, foi meio difícil me adaptar a tanta mudança.

Quanto às cartinhas que a gente trocava, ainda as tenho. Estão guardadas em um lugar bem seguro para que eu não as perca. Quero guarda-las por muito tempo para que um dia a gente possa lembrar de tudo que passamos juntas.

## **Gilmara Soares da Silva, 1ª série D**

A melhor lembrança que eu trago guardada na memória foi do dia em que eu e meus colegas fomos na Cruz do Aviator. Fizemos aquele trajeto todo a pé com nossa professora. Foi um dia muito cansativo pois estava muito calor e abafado. Ficamos muito cansados. Lembro que paramos em uma casa para pedir um pouco de água para nos refrescar um pouco antes de continuarmos. Andamos mais e mais e parecia que nunca chegaríamos. Mas, lá por volta das 15, 16 horas a gente chegou no tal lugar.

Mesmo com todo o cansaço do trajeto valeu a pena conhecer um dos pontos mais importantes de General Carneiro.

Na volta pra escola pareceu ter sido mais rápido do que na ida. Apesar do esforço, posso dizer que foi um dia muito bom para mim.

---

## **Hueverton Antonio Duczinsky Wouk, 3ª série A**

Eu sou Hueverton e estudo no Cepan desde o primeiro ano do Ensino Fundamental. Nunca estudei em outro colégio.

Durante minha trajetória aqui no Cepan aconteceram várias coisas boas e também coisas ruins. Coisas boas como as festas julinas, festas do Halloween e outras muito legais. Tivemos também gincanas com várias brincadeiras, futsal, travinha livre entre outras.

Quando eu estava na primeira série do Ensino Médio, em 2016, aconteceu uma corrida onde os alunos disputaram. Saía na frente do colégio, corria pela cidade indo até a praça Quindrade, dava a volta, passava em frente à igreja Católica, Ômega Esportes, Prefeitura Municipal de General Carneiro e chegava na frente do colégio. Muitos, como eu, não conseguiram chegar em primeiro porque quase morreram de cansaço mas, foi legal.

Também aconteceram várias coisas ruins, como brigas. Uma memorável foi na quadra velha, aquela que fica na beira da BR-153. Foi quando eu estava no sétimo ano. Eu e meus amigos fomos jogar bola. Chegando na quadra, uns meninos muito metidos queriam jogar também e não deixamos. No final, um dos meninos, o Daniel, atormentou tanto meu amigo Jeferson que ele, não aguentando mais as provocações, pegou o outro e jogou no chão e bateu muito nele. Mesmo apanhando o aluno continuava xingando o outro. Foi até engraçado de ver. Ainda bem que não se machucaram muito.

Houve brigas de amigos meus onde um era maior que o outro. Mesmo assim o que era menor pulou no colo do maior e bateu se segurando nele. Foi bem legal o dia em que isso aconteceu porque ninguém esperava que aquilo iria acontecer. Eu nunca tinha visto uma coisa daquela e ficou marcado na minha trajetória aqui no Cepan.

Houve também outras coisas bem tristes, como daquela menina que se suicidou na BR e foi atropelada por uma carreta. Eu estava no nono ano. Quando eu cheguei na escola naquele dia, eu não sabia de nada sobre o acontecido e meus amigos me contaram sobre o ocorrido porque eles tinham chegado antes na escola.

Eu não conhecia bem a menina, mas fiquei bem triste pelo que aconteceu naquele dia e também não tivemos aula naquele dia em razão do luto. Nunca soube bem porque ela fez aquilo. Isso foi um caso bem triste que aconteceu em minha trajetória aqui na escola.

---

## Izael Chagas, 3ª série A

Durante o tempo em que eu estive no colégio, passei muitos momentos bons e outros ruins. Por sorte, mais momentos bons.

Estive presente em vários torneios de futebol no colégio. Uns ganhávamos, outros perdíamos. Presenciei várias brigas entre alunos que eu conhecia e outras brigas de amigos, que eu tive que separar. Já briguei muito também mas, nunca guardei mágoa. Uma coisa que eu fiz e deu muita adrenalina, foi estourar um rojão no colégio. Ainda bem que nenhuma câmera filmou.

Em todo o tempo em que estive no colégio observei muitos acidentes na estrada e também a morte de uma menina que se suicidou na BR pulando em frente a uma carreta. Prefiro nem lembrar.

Fiz grandes amizades que já duram doze anos.

---

## Jessica das Graças Camargo, 1ª série D

O Colégio Estadual Procópio Ferreira Caldas é o colégio mais velho da cidade de Pinhão – PR. Eu estudei lá do sétimo ao oitavo ano. É um colégio rígido com as regras porém, quando há dias importantes, como festas juninas, Pascoa, aniversário do Colégio, 7 de setembro e, principalmente, dia do estudante, nos divertíamos muito.

Neste dia, a gente ia em uma danceteria da cidade e ficávamos dançando até a hora de nosso turno acabar. Eu estudava de manhã. Podíamos ir sem uniforme, que era a camiseta o mais importante, e não precisava de calça. Quando estávamos esperando, todos comiam o lanche que, geralmente era cachorro quente.

Chegando lá, ainda me lembro que eu e minhas amigas ficávamos impressionadas com todas aquelas luzes e com as caixas de som e suas músicas muito agitadas. Tocava mais funk que todos gostavam e, além de dançar, cantavam todas. Tinha também concurso de meninas e meninos que faziam duplas pra ver qual casal era o mais bonito. Eu sempre gostei muito de dançar mas sou muito envergonhada e disso eu nunca tive dúvidas. Mas lá eu me soltava. Tinha várias amigas, fazíamos uma rodinha e dançávamos como nunca havíamos dançado.

O Procópio, para mim, foi um ótimo colégio. Até agora, a melhor fase de minha vida eu passei lá. Porque lá não tinha muita violência, na verdade, era raro acontecer briga. Acontecia, mas não era com frequência.

Os professores eram bem amigos, principalmente minha professora de matemática, a Leasi. Todos os professores eram legais, nos dávamos bem.

O Colégio Procópio Ferreira Caldas é um marco na minha vida. Eu nunca mais vou esquecer.

## Jéssica de Fátima Pelantier, 3ª série A

Eu me lembro quando eu era nova neste colégio. As meninas vinham falar comigo para que eu fosse bem-vinda. Mas também, na minha sala tinha um monte de garotas briguentas que ficavam mexendo com as colegas. Elas xingavam, elas mandavam se danar. Pense numa sala barulhenta. Coitadas das professoras e professores, ficavam loucos com as garotas que faziam bagunça na sala.

Eu, antes era de outro colégio, o Izelina. Vim pro Cepan porque eu acho um colégio bom para estudar. Apesar de eu também gostar muito do Izelina e de ter saudades de lá.

A matéria que eu mais gosto é História porque acabo sabendo tudo o que aconteceu antes de eu nascer. A gente vê o que falamos de Canudos, de General Carneiro, das revoluções. Eu sei muito de História, por isso gosto!

Eu sou quieta porque quero ter um futuro melhor. Uma casa e um trabalho. Sou gente boa. Gosto de estudar. Quando eu acabar meus estudos aqui, quero fazer o Enem e fazer vestibular para Medicina. Eu não quero desistir. O meu sonho é ser médica. Esse é meu sonho e eu não vou desistir.

Eu tinha muitas amigas aqui neste colégio quando eu estava no nono ano. Mas, eu deixei-as porque eu fui estudar de manhã já que fiquei muito doente e, também porque tinha de cuidar de minha irmã mais nova. De manhã também fiz amigas e amigos. Agora eu não queria mais estudar à tarde. Ocorre que de manhã não tem mais Terceira Série. Então, voltarei a estudar à tarde. É ruim porque eu nunca gostei de estudar à tarde.

Antes de eu morar aqui, eu morava em Bituruna. Lá não era fácil. Morávamos no interior e às vezes o ônibus nem passava no ponto para levar a gente para a escola. Aqui em General é melhor porque meu pai tem emprego e é mais fácil de vir para a escola.

Eu sou bem educada com meus professores, com meus amigos e amigas e também com meus pais.

Eu adoro este colégio e espero que os outros também gostem.



## **Juliano Ferreira, 1ª série D**

Estudei durante três anos em General Carneiro na escola Elay (1º, 2º e 3º anos). Eu era muito burro. Depois vim para uma escola aqui perto de casa onde estudei dois anos e mais dois anos em Matos Costa. Então não sabia bem como era estudar no Capan (foram os melhores anos que tive). Cheguei aqui no sexto ano, uma nova etapa de minha vida. Aí me apaixonei pela G.

Passou-se mais uma ano!!! E eu mais empolgado e mais apaixonado pela G. Foi um ano esquisito pois teve a greve dos professores e não tivemos muitas aulas (algumas aulas de reposição no sábado).

O oitavo ano foi muito legal. Conheci pessoas novas, as Olimpíadas no Brasil, aí que eu comecei a me interessar mais pelo futebol, tentei melhorar. E a paixão pela G aumentava.

Enfim, último ano do Fundamental. Fui para uma sala onde não tinha amigos, azar ou sorte. Prefiro sorte porque fiz mais amigos, aulas com o professor mais inteligente do colégio, o professor Lúcio. A paixão pela G desapareceu. Acho que é porque não é a garota certa para mim.

Agora, o primeiro ano com algumas penugens no rosto. Olho para o passado e penso em quanta cagada eu fiz. Fico feliz em estar terminando os estudos, mas também triste porque sei que vou sentir saudades do colégio, dos professores e dos meus amigos.

Mas, sei que tudo vai ficar na minha memória.

## **Junior Silva, 3ª série A**

2015 foi um ano muito bom. Não foi um dos melhores da minha vida, mas foi o ano em que eu saí do Izelina e comecei a estudar no Cepan.

Encontrei uma menina que eu conhecia há uns seis anos e acabei me apaixonando por ela... Me ferrei. Não deu como eu esperava, só ilusão.

Teve alguns meses de greve e eu vinha no colégio só por vir mesmo. A maioria dos professores estava na greve. Outros, no entanto, não estavam. Eu e meu amigo Lucas vínhamos e ficávamos fugindo dos professores, gazeávamos e íamos no Felipe tomar Coca. Íamos também com uns meninos na quadra velha jogar bola. Sempre tentávamos escapar. Nunca vínhamos para estudar mesmo. Compramos dois skates e vivíamos lixados pois não sabíamos andar. Mas, isso tudo foi massa e eu gostei.

Quando os professores voltaram a dar aulas, todos eles, eu continuei fazendo as mesmas coisas, bagunçando, gazeando aula, chegando atrasado e tal. Chegou o final do ano e eu estava lascado, faltando doze pontos para passar em Português e as outras matérias, nem se fala.

Então, como previsto, acabei sendo reprovado. Mas aproveitei. O único ano que fui reprovado foi este. Incomodei muita gente, muitos professores. Aprendi uma lição: se dedicar mais aos estudos se quiser passar de ano.

## **Kaileane Fatima Martins da Rosa, 1ª série D**

Minha vida no colégio não foi muito fácil, porque antes não estava nem aí para os estudos, me enterrava em gazer aula, em sair do colégio e não prestava atenção nas aulas. E hoje, como eu estou no Ensino Médio, tenho de agradecer muito aos meus professores que, além de me ensinar, eles se tornaram amigos e acreditaram que eu tinha potencial pois, se fosse só por mim, eu estava no sexto ano ainda. Eu admito, fui uma péssima aluna mas agora quero ser uma boa filha, quero dar orgulho para a minha família.

No colégio conheci amigos do mal caminho e do bem. Se hoje estou mudada, é que eu conheci neste ano uma amiga e prometemos ser boas alunas e nos comportar. Antes eu brigava, agora eu quero paz e fazer amizade com todos.

Antes eu via o colégio como uma pressão, que ia por obrigação. Hoje não sou mais aquela menina que não queria nada com nada. Hoje vejo a escola como oportunidade porque é do colégio que vai sair a médica, a policial, enfim, todas as profissões e é daqui que é o começo de uma vida brilhante. Por isso eu admito que fiz coisas erradas e hoje tenho orgulho de falar que eu mudei e quero sair do colégio orgulhosa de mim mesma.

Quero agradecer aos professores por acreditarem em mim, aos amigos bons, por me darem conselhos e por fazerem parte de mim. Agradeço ao professor Lúcio por explicar muito bem, por dar aula de História sem as quais não saberíamos como foi e como é o Brasil.

## **Kimberly Victória Woginski, 2ª série A**

As histórias que irei contar aconteceram durante os jogos, já que pratico voleibol e também vou a campeonatos representar nosso colégio, desde o 8º ano. Para ter uma noção, são muitas coisas engraçadas que já ocorreram, então citarei algumas.

Uma das mais memoráveis foi a dos jogos do São José, lá em União, onde havíamos ganhado um dos jogos e então fomos à uma lanchonete comer, pois estávamos famintas. Após aproveitar este tempo livre, fomos até o banheiro pra se olhar no espelho, todas juntas. Aquele banheiro encheu com todas nós e passamos a conversar sobre os mais diversos e vergonhosos assuntos. Ficamos longos minutos assim. Eu saí primeiro para ver se o professor ainda estava lá e foi aí que eu percebi que dava para ouvir claramente o que era dito lá dentro, com isso voltei para avisar e todas quase morreram de vergonha, não queriam mais nem sair de lá. Quando reunimos coragem saímos de lá fingindo ter voz grossa dizendo “bora pro jogo”, enquanto todos olhavam. Foi muito engraçado!

No nosso último jogo, fase final em Apucarana, teve momentos engraçados também. Em uma noite, no terceiro dia, fomos à um enorme shopping, acompanhados de nosso professor, motorista e outro time, o de Cruz Machado. O que acontece quando pessoas de cidades pequenas vão para uma grande? Isso mesmo, Mico! Tinha um elevador de vidro onde podia-se ver tudo lá de fora e, ao invés de irmos para outros andares pela escada, íamos com o elevador. Quase levamos bronca do segurança. E quando pessoas desconhecidas entravam juntas no elevador, fingíamos não nos conhecer e então criávamos histórias que as pessoas ficavam sem entender, conversando entre nós.

## **Laís Brasil, 2ª série A**

Há exatos sete anos que estudo no Cepan e tenho muitas histórias dentro desse colégio. Comecei a estudar no Monteiro Lobato no 5º ano, no período vespertino, com muitos colegas com quem estudo atualmente. Estudei até o sétimo ano no período vespertino e passei para o matutino no oitavo ano. Nesse período, tenho grandes lembranças dessa época, pois foram tempos de grandes façanhas.

Recordo-me de quando o diretor era o professor Cristiano. Certo dia, ele deu suspensão para mim e mais quatro amigas, a Samara, a Vanessa, a Laura e a Fernanda. Em uma aula de geografia eu saí para ir ao banheiro e na volta encontrei as meninas que estavam voltando para a sala, pois haviam gazeado aula. E eu, voltando e conversando com elas, dou de cara com o diretor na sala que, mandou logo todas para a pedagoga fazer uma ata com suspensão de três dias. Eu paguei o pato de graça. Mas é uma coisa que ficou marcada na memória.

Em 2015, 8º ano, já no período matutino, me recordo de um professor de Matemática, que estava substituindo outro professor, realmente levou a pior com a nossa turma. Ele deu aula um mês e abandonou. Muitos falaram que ele entrou em depressão por causa da turma. Largou as aulas e eu nunca mais o vi.

E lógico, tem várias outras e tento aproveitar o máximo pois estamos na reta final e vai chegar um tempo que vai restar apenas lembranças, sendo elas boas ou ruins. Só ficarão saudades. Tempo que não volta mais.

## Lais Martins de Oliveira, 3ª série A

Uma das lembranças do Cepan, se me perguntarem daqui dez, vinte anos, será de uma apresentação que fiz com algumas meninas de minha sala.

Era festa junina no colégio e a professora Orita pediu para que fizéssemos uma dança da música “Aquarela”. Bom, na hora concordamos, acho que ficamos uma semana ensaiando. Mas quando chegou no dia da apresentação, todas nós queríamos desistir. No entanto, a professora nos obrigou a apresentar.

Subimos no palco que tinham feito na quadra e lá passamos a maior vergonha da nossa vida. Fizemos os passos bem certo, ficou bonito, com um, porém - seria bonito se ainda estivéssemos no oitavo ano. Depois daquele dia, as meninas e eu ficamos com trauma de apresentação em qualquer coisa do colégio. Para muitas pessoas isso é normal, mas só quem participou sabe a vergonha que passamos.

Eu acho que muito dessa vergonha foi por não quisermos fazer aquilo, pois para nós aquela música é de criança, é bonita, mas é de criança. E as pessoas zoaram um monte, os amigos principalmente.

---

## **Lidiane Aparecida de Lima, 1ª série D**

Minha passagem pela escola é bem longa. Tanto que já considero minha segunda casa. Nela eu conheci pessoas, fiz amigos, ri, chorei e o mais importante, aprendi muitas coisas das quais, algumas levarei para o resto da vida, como por exemplo - aprendi a nunca desistir mesmo cometendo erros, pois é errando que se aprende. Tudo depende de nosso foco, esforço e dedicação.

Na escola também conheci professores que se tornaram amigos, que mesmo em uma última aula de um dia cansativo tiveram paciência para ensinar e, às vezes até repetir explicações, que me deram conselhos e que do seu jeito contribuíram para o meu futuro. Estarão sempre marcados na minha vida.

Nesse tempo todo eu passei por várias situações: ri, chorei, sorri, aprendi a conviver com outras pessoas, enfrentei problemas e sempre tentei aproveitar ao máximo, pois logo tudo isso acabará e logo terei mais responsabilidades.

---

## **Luiz Gustavo Calixto, 2ª série A**

Ano retrasado quando estava na primeira série do Ensino Médio, eu tinha uma calça jeans rasgada no joelho. Fazia tempo que eu usava ela. Até que um dia, na última aula, quando estava acabando o ano já, o Luiz Fernando – vulgo Cachorro – puxou a calça e rasgou mais ainda.

Até o final da última aula ele rasgou uma perna inteira da calça. Era aula de História com o professor Lúcio e ele me ajudou a passar durex na calça para não ter de ficar com a perna de fora.

Quando estava voltando para casa, só a barra da calça ainda estava inteira. Já na frente da Loja MM, os piás me seguraram e terminaram de rasgar. Voltei para casa só com uma perna da calça. Será uma lembrança e tanto.

---



## **Maria Eduarda de Paula, 2ª série A**

No ano de 2006 eu entrei no primeiro ano de escola. Uma nova etapa começava. Eu estava feliz. Era no primário da escola Izelina. Logo no primeiro dia de aula (lembro-me como se fosse ontem), tocou o sinal para o recreio e eu peguei minha mochila de rodinhas e estava indo para casa, achando que era a hora da saída. Sorte minha que alguém avisou que era apenas a hora do recreio. Um tempo depois, no recreio novamente, um armário que estava para fora caiu na cabeça de uma menina. Acho que foi por culpa minha e de alguns amigos.

Em 2007 fomos embora para Balneário Camboriú porque aqui estava escasso o emprego. Passamos dificuldades pensando que lá iria melhorar. Ficamos um mês porque meus pais também não conseguiram emprego. Só não passamos mais dificuldades porque voltamos a tempo. Acho que foi uma das piores partes da minha vida. A escola de lá, nem lembro de como era o ensino. Lembro apenas que no primeiro dia meu irmão apanhou e na primeira semana nós dois pegamos piolho! Uma professora de lá me disse que nosso ensino no Paraná era muito melhor. A grande diferença que lembro, é que lá as escolas eram maiores e tinha desenhos nas paredes. O resto não tenho lembranças.

Quando voltamos, fui estudar no Cegan. Já estava na terceira série. Também não lembro claramente, mas encontrei alguns antigos colegas do Izelina, o que me deixou feliz. E mais uma vez fizeram brincadeiras idiotas. Havia trabalhos em cartazes da turma da tarde e meus belos colegas rasgaram todos. Talvez achavam que iriam ganhar alguma coisa. As professoras chamaram nossos pais e, alguns dias depois, os alunos da tarde rasgaram os nossos trabalhos em papel sulfite e acabou por aí.

No quarto ano só lembro que pegamos uma carteira e a jogamos no pátio do primário. Confesso que eu estava junto. Até gravara, alguém deve ter ainda!

Mais tarde, na primeira série do Ensino Médio, no começo do ano tentei entrar no Grêmio Estudantil. Não sei a experiência de estar lá porque acabamos perdendo a eleição para a outra chapa e nós só fazíamos discursos de como tudo seria se tivéssemos ganhado. Só que uma outra pessoa entrou também. Era um menino bonito e tinha um sorriso lindo! Mas, só nos conhecemos lá. Nunca conversamos. Passou o tempo e até que um belo dia ele me chamou no chat e começamos a conversar. Até que deu tudo certo e hoje namoramos.

Posso dizer que esta parte foi uma das melhores da minha vida. É uma experiência muito boa. Amo ele e gosto que esteja perto de mim. Até ficamos perto demais porque estudamos juntos na mesma sala. Ele está sempre pronto pra me ajudar e apoiar em que eu precisar.

Todos esses anos de escola aqui e em outra cidade ficaram na memória mesmo que eu tenha esquecido algumas partes. Sei que vou sentir saudades de tudo e de todos quando me formar, mas também sei que eterei sempre boas lembranças.

---

## **Maria Fernanda Serońska, 2ª série A**

Há bastante tempo, no ano de 2009, no terceiro ano de primário na escola Monteiro Lobato, em General Carneiro, eu estava com meu grupo de amigas, Maria Eduarda, Taliana e Juliana, naquelas “rodinhas” para contar fofocas. O tempo passou e, durante o recreio a Taliana reparou em um desenho na porta de nossa sala, que era dos colegas da turma da tarde. Ficamos indignadas por não serem nossos os desenhos colados na parede. Bateu um estado de rebeldia na Taliana, que foi lá toda destemida e ousada rasgar o cartaz em vários pedaços. E foi aí que o problema realmente começou.

As agentes educacionais ficavam cuidando do pátio e de nós. Nós a chamávamos de “tias da limpeza”. Elas viram o estrago que tínhamos feito e chamaram a equipe pedagógica e nossa professora Vanderléa. Eu e Juliana começamos a ficar desesperadas porque poderiam chamar nossos pais. Foi um tremendo chororô que rendeu advertências e um digno e enorme sermão de uma professora extremamente brava que nos fez pegar o trabalho da lixeira e colá-lo pedaço por pedaço para poder pregá-lo na porta de novo.

---

## **Matheus Correia de Almeida, 2ª série A**

Cheguei no Cepan com 6 anos. Agora tenho 17. Todo esse tempo tem muita coisa pra contar. Tempos de jogos, vários amigos, várias brigas com os diretores. Viagens também. Com o professor Lúcio fomos até o Marco Cinco de bicicleta. Foi muito legal. Vários tombos, aventuras e quando chegamos lá fizemos um piquenique bem bom. Tiramos fotos, fomos ao cemitério. Várias pessoas que eu não conhecia, conheci neste piquenique.

Aí, passaram-se os anos e cheguei na 1ª série do Ensino Médio. Comecei a participar dos Jogos Escolares. Esse é um dos momentos mais esperados para os piás e meninas que jogam bola. Fomos jogar em União da Vitória. Perdemos nas quartas de final. No outro mês fomos até Cantagalo jogar. Perdemos tudo. O time de vôlei foi bem. Ficaram em segundo lugar. Futsal feminino ficou em quarto lugar.

Meus melhores momentos no Cepan até agora foram esses. Ano que vem vou para a terceira série. Iehuuu!

---

## **Paola Daniely Koguta, 1ª série D**

Tudo começou quando eu tinha cinco anos. Fui matriculada na Escola Municipal Jangada do Sul. Lá era bem legal, só tinha duas professoras, a Sônia e a Nésia, que davam aula de tudo. A minha matéria preferida era História. Não só porque o professor da aula de História de lá era bem legal. Agora História ficou chato.

Lá era do primeiro ao quinto ano. Fiquei os cinco anos e foi muito legal. Só pra ter uma ideia, o terceiro, quarto e quinto ano só tinha cinco crianças. Eu, meu irmão e três amigos meus. Lá, uma professora dava aula para cinco crianças. Aqui em General, uma professora da aula para trinta crianças.

Nessa escola eu tinha dois melhores amigos. Primeiro o Ivonei Ferreira da Rosa e segundo, a Dulciliane Ferreira da Rosa. Eles eram irmãos e meus melhores amigos. Nessa escola a gente não tinha uma quadra de esportes. Então fazíamos Educação Física na rua ou em um salão de festa que tinha perto da escola.

Ao lado da escola tinha uma casa que tinha sido uma escola e um salão de festa. Era muito legal e perigoso porque era de três andares. Só que estava velho, podre, quase caindo. Um dia resolvi correr lá dentro e o chão quebrou. Quase passo pelo chão!

O dia, que eu acho que jamais vou esquecer não aconteceu na escola. Foi na aula de Educação Física. Estávamos brincando de esconde-esconde. Já estávamos muito cansados e a professora disse que íamos brincar só mais um pouco. Eu e meu amigo Ivonei fomos nos esconder juntos (não pense besteira, éramos crianças!), no meio do mato. Caminhamos e fomos parar em um banheiro que ficava no meio do mato. “Banheiro no meio do mato? Ela tá ficando louca!” Não! Lá tem! Nós chegamos lá. Um lado era para os homens e outro lado era para as mulheres. Fomos no dos homens. Não tinha luz. Fomos então no das mulheres. Lá tinha luz. Entramos e acendemos a luz e notamos que estava tudo cheio de sangue no chão, nas paredes, em tudo. Eu e meu amigo saímos correndo. Fomos procurar a professora para contar tudo mas não a achamos porque ela e os alunos voltaram pra escola e esqueceram de nós.

Quando chegamos na escola, contamos o que aconteceu para a professora Sônia e ela não acreditou. Continuamos insistindo naquilo e ela não acreditou. Pra acabar nos deixou de castigo uma semana e falou que se falássemos de novo no assunto ela nos deixaria de castigo um mês. Tempos depois, eu e ele voltamos lá com um celular para tiramos fotos para mostrar para a professora mas, estava tudo limpo. Não tinha nada lá. Eu sei que vi.

Nessa escola teve muitas coisas legais. Quando era nosso aniversário, as professoras faziam uma festa pra gente. Era lindo. No dia das crianças, Natal, Páscoa, elas nos davam muitos doces. Faziam festas e piqueniques em fazendas, levavam a gente em museus.

Sempre aconteciam coisas boas. Mas, um dia, conhecemos um professor que ia nos dar aula de Educação Física. Ele era muito legal. Esqueci o nome dele. Era um bom professor, trabalhava em muitos empregos, professor e segurança em casas de shows. Um dia ele estava trabalhando em uma festa, um homem queria entrar sem convite e esse professor não o deixou entrar. Tempo depois, o homem voltou com uma arma e atirou várias vezes contra nosso professor. Ele morreu na hora. E sabe o que é pior? O homem que matou nosso professor está solto. A justiça em nosso país é horrível!

Eu adorava estudar naquela escola. Lá era tudo tão fácil. Eu conhecia todo mundo, todos eram amigos, vizinhos. Lá nunca, quase nunca acontecia uma briga. Era muito raro.

No quinto ano nós fazíamos o Proerd. Era bem legal. Na formatura eu queria ganhar o ursinho mas não ganhei.

Aquela escola foi bem legal. Se eu soubesse antes, teria aproveitado mais lá. Quando eu estudava lá eu só pensava em passar de ano para ir para o Izelina. Quando eu passei para o Izelina eu só queria passar para o Cepen. Aquela foi a melhor escola que eu tive e também os melhores professores. Agora eu não vejo mais ninguém. Só de vez em quando um ou outro.

## **Rafael Ferreira e Lucas da Silva, 3ª série A**

Certo dia fomos convocados para o time do Cepan.

Enfrentamos Izelina e São Francisco. Até esses jogos estava ocorrendo tudo bem. Um belo dia de sol, estávamos indo bem felizes, entramos no ginásio Pingão bem faceiros, descobrimos que íamos enfrentar um time bem pesadão. Era o time considerado o time mais cavalo dos jogos.

Durante a partida os atletas adversários estavam nos quebrando pelo fato de estarmos ganhando. Quando o jogo terminou, fomos para o vestiário e aí veio um piá do time adversário e deu um pontapé na porta. Foi nesse momento que a intriga começou. Saindo do ginásio, meio com medo, o time adversário veio em nossa direção e nos agrediram e nós não pudemos reagir pelo fato de eles estarem em maioria. Claro que apanhamos.

---

## Tainara Camargo Cordeiro, 2ª série A

Minha trajetória escolar começou no Monteiro Lobato. Minhas séries iniciais onde, eu comecei no primeiro aninho. Estudei até o quarto ano. Eu não gostava de ir para a escola porque eu usava óculos e achava que iriam me zoar. Mas, não. Eu me dava bem com todos. Em todos os dias nós, eu e minhas amigas, andávamos juntas no recreio e brincava um monte num monte de areia que tinha ao lado do portão. Era muito legal até eu mudar de escola.

Eu mudei de escola no quarto ano. Fui estudar na Escola Helena Wolf, escola do campo. Foi o início do meu amor pelo esporte porque, como era um Colégio do Campo. Nós saíamos da escola para brincar em um campo de futebol que tinha ali perto. Depois íamos jogar futsal, só que era só eu de menina pra jogar com os piás. Mas eu jogava. Vivia toda roxa, mas não desistia. Até que eu passei para o sexto ano e comecei a estudar no Colégio Estadual do Campo São Francisco de Assis (CECSFA) e o professor de Educação Física me estimulou a fazer algumas atividades de atletismo e eu gostei. Passei a participar dos jogos, principalmente dos JEP's (Jogos Estudantis do Paraná).

Tínhamos de nos alojar em outras cidades. No começo fiquei com medo de ir porque eu era só uma criança do sexto ano. Foi então, que desde o meu primeiro jogo até o último representando o CECSFA, minha mãe era convidada pra ir como responsável pelos alunos e eu amava quando ela ia junto porque ela me ajudava muito em relação ao esporte. Não só por isso que eu gostava que ela fosse junto, mas também porque eu dormia com ela e podia pegar a chave do quarto e sair que ela nem via.

Teve uma vez em que eu peguei a chave do quarto e saí para jogarmos bola a noite na quadra e uma das meninas foi jogar e torceu o pé. Tínhamos jogo logo cedo. Ela jogou no gol e não conseguia nem se mexer, coitada. Aprontávamos muito.



No final do nono ano mudei de escola. Vim para o Cepan. Não conhecia ninguém até que eu comecei a jogar no time do colégio. Pra mim foi muito legal. Viajamos várias vezes. Aprontava tudo que tinha direito com os outros, pintava as caras das meninas que dormiam antes. Minhas companheiras de time e das folias eram a Mariana e a Larissa. Levávamos comida pros jogos e saíamos comer só nós três à noite fora do colégio, em São Mateus do Sul. Um monte de piás foram atrás de nós. E nós, sem saber o que fazer, pegamos uma na mão da outra e passamos por lésbicas. Depois disso nunca mais saímos comer fora da escola.

---

## **Tamires Roberta da Silva, 3<sup>a</sup> série A**

Eu comecei a estudar na escola do Paraná na oitava série, quando eu tinha 14 anos. Foi muito estranho e confesso que não gostei muito. As pessoas me zoaram muito no primeiro dia, pelo meu jeito de falar. Daí, eu queria andar com as meninas no recreio. Elas me falaram que eu só poderia andar com elas se eu ficasse com um menino indicado por elas. Fiquei muito brava. Então passei a andar com uma louquinha lá, não lembro o nome dela.

Um ano se passou e eu me enturmei. Queria brigar com todo mundo, ia reinando pra escola, fiquei muito revoltada. Comecei a andar com a Eduarda. Ela era meio louquinha e aprontávamos muito. Íamos bêbadas pra escola, queria ficar com os piás, queria brigar e iludia os pequenos. Me formei no Izelina no nono ano. Então vim pro Cepan. Foi uma bosta. Pessoas que querem se achar o que não são, as bam-bam-bam do colégio. Acho que é isso.

As únicas coisas boas pra mim na escola do Paraná foi conhecer o Adriano e a Ketlyn, únicas coisas boas pra mim. Ah, e claro, teve alguns professores que nunca vou esquecer.

---

## **Vinicius da Luz Gaiovis, 2<sup>a</sup> série A**

Quando eu estudava na quarta série, na hora do recreio achamos uma carteira num morrinho dentro do colégio e começamos a dar voadora na carteira para ver quem fazia voar mais longe.

Outra vez, em aulas vagas, arrancamos a tampa de uma carteira e começamos a deslizar em cima dela na sala.

No terceiro ano fechamos um gordinho da nossa sala fora do colégio e fomos no colégio para o recreio. No sexto ano, esse mesmo gordinho trouxe um litrinho de água com pinga dentro e ficaram todos loucos.

Uma vez a gente gazeou aula e entramos em uma sala recém feita pelo vão da janela e ficamos lá até bater o sinal.

---

## Vitória Carlyne dos Santos, 3ª série A

Meu nome é Vitória, tenho 17 anos e vou contar para vocês o que é o Cepan para mim.

Em 2016 comecei a estudar na primeira série do Ensino Médio aqui. Antes de vir para cá eu estudava no Izelina, até o nono ano. Gostei bastante. Fiz amizades novas, gostei dos professores e do aprendizado e do jeito que explicavam tudo. Eles são muito bons.

Em 2017 comecei a estudar na segunda série e aí começou a ficar mais puxado com relação às matérias. Estudei aí só até junho, pois tive de ir embora para Bituruna. Lá, fui para o Colégio Novo Milênio, no bairro Nossa Senhora Aparecida, mas não gostei. Era tudo muito diferente. Os professores não explicavam direito. Então fiquei morando lá até final do ano e voltei. Assaltaram minha casa no Natal e levei bastante prejuízo. Só fui perder a viagem.

Em 2018 voltei para General e vim morar no Bairro São Miguel. Como a maioria das pessoas sabem, eu sou casada há quatro anos e nunca abandonei meus estudos. Meu marido sempre me apoiou e meus pais também. Tenho um filho de quatro anos que se chama Luís Gustavo. Então, o que dizer...um filho mudou a minha história. Amadureci, aprendi a dar valor. Ele é tudo para mim e para minha família. Vou terminar meus estudos e se Deus quiser, fazer um curso de Técnico de Enfermagem. Quero trabalhar na área de saúde.

Ah! Esqueci de falar...fui morar em Bituruna porque meu marido estava desempregado e daí fomos para lá para ver se conseguíamos serviço.

Gosto muito de Geografia e da professora Iolanda. Ela é um amor de pessoa.

Eu vou ficar com as lembranças do Cepan, dos amigos e amigas e dos professores...Eu vou sentir muitas saudades.

## Vitória Nakalski de Campos, 1ª série D

Nossa cidade não oferece muitas opções de sobrevivência. Por isso as pessoas acabam tendo de sair em busca de novas oportunidades em outras cidades. Foi assim com minha família e, por isso minha história escolar se passa por várias escolas. Comecei com seis anos e o primeiro colégio que estudei foi o Getúlio Vargas, com a professora Solange. Ainda no primeiro ano fui embora para Quedas do Iguaçu. Lá estudei no Cecília Meireles com a professora Virciane.

Voltei morar em General em 2012. Comecei meu terceiro ano estudando no Getúlio Vargas com a professora Loreni. No terceiro ano, eu empurrei um garoto de cima de um muro do colégio e ele quebrou o braço.

Voltei a morar em Quedas. Já tinha passado para o quarto ano. Estudei no Cecília mesmo. Fiquei pouco tempo lá e voltamos com minha mãe para cá para termos nossa casa aqui. Comecei a estudar de manhã no Getúlio Vargas (extensão). Terminei o primário nele e então comecei a estudar no Izelina Daldin Gaiovicz no sexto ano do Ensino Fundamental. Estudei ali até metade do sétimo ano e por alguns motivos e consequências foi que eu precisei estudar no Capan.

Muitas vezes, por estar sempre mudando de cidade, colégio e de turno, ficamos afastados dos amigos que eu fiz. Já faz três anos que não mudo mais de colégio, nem de turno. Conheci as melhores pessoas neste colégio como a Gabriela, que é minha melhor amiga. Agora ela está morando em Mallet mas, desta vez nós duas não permitimos que a distância nos afastasse. Também a Jéssica que estuda até hoje comigo.

Agora que já estou na primeira série do Ensino Médio. Muitas amigas se reuniram novamente, nenhuma separação. Enfim, meus anos escolares até hoje tiveram muitas idas e vindas e até agora tá tudo certo.

Se fizer uma comparação entre as escolas daqui e as que estudei em outra cidade, há diferenças. Em Quedas havia várias atividades diferenciadas para as crianças, como aulas de capoeira, dança, música tudo dentro do currículo. Nas datas comemorativas também há várias atividades temáticas com apresentações especiais. Essas atividades estimulam os alunos para a aprendizagem.

---

## Vitória Volinkevicz, 2ª série A

Aqui estou há exatamente onze anos, vivendo intensamente. No colégio há momentos de sorrir e de chorar.

No colégio muitas pessoas entram e saem de nossas vidas sem explicações mas, com cada uma cometemos loucuras e algum educador corta nossas asinhas.

No primário sofri bullying muitas vezes pelo colega Saule. De tudo um pouco. Numa atividade “Titi Marcio” me fez passar uma cantada no garoto.

Numa das três palmeiras da frente do colégio havia um galho comprido que eu me pendurava. Conforme as crianças da época foram se entuiando lá para brincar, foi mandado cortar aqueles galhos.

No quinto ano vínhamos, eu e mais alguns coleguinhas incomodar a Chayane para sabermos em que turma estávamos matriculados.

Sexto ano já vieram as limitações. Já não podemos correr pelo pátio, trazer brinquedos, bola...

Interpretei a Emília do Sítio do Pica-pau Amarelo, muitas apresentações, vários tropeços. Também no sexto ano, no primeiro bimestre eu tinha tirado 8,0 na média. A professora Eliana me enfiou no contra turno.

No sétimo ano fui eleita líder com quatro votos. Nesse mesmo ano, jogando vôlei na quadra, embolei os nervos da mão esquerda.

Oitavo ano, líder com cinco votos. Entrei no vôlei, parei duas vezes na pedagogia por causa de uns rolos que alunos me envolveram.

Nono ano, líder pela terceira vez com sete votos. Conheci minha paixão. Primeira festa da primavera, ganhei como primeira princesa; vendi R\$ 800,00 para o colégio. Poderia ter ficado de rainha mas, dei mancada.

Em três de junho de 2016, na primeira corrida de rua do Capan, ganhei no pelotão em primeiro lugar. Atacou uma coceira, rosto e braços vermelhos, tudo pipocando, passei muita água. Melhorou.

Em outubro teve a primeira ocupação do colégio. Para nós, ocupantes, o perigo era o diretor Vilmar. Nos acomodávamos em duas salas de aula. Tínhamos cozinha improvisada, tínhamos atividades com alguns professores, palestras. Limpamos a escola. Pisos, espelhos, banheiros, esfregamos aqueles pisos inteiros. Sempre que o diretor aparecia lá na frente do colégio, que queria entrar porque era contra estarmos ali, nosso sinal era gritar para todos: “olha a Dirce”. Sempre batia o conselho tutelar querendo entrar para saber o que estávamos fazendo. Meu pai era totalmente contra eu ser militante. Mesmo sem a aprovação dele eu fazia questão de estar ali, de fazer parte da história, pois era a primeira ocupação. Bom de estar na ocupação é sentir medo de bater a polícia, te arrancar dali sem ter feito nada de errado, apenas por reivindicar coisas boas, ser contra coisas que não achávamos legais, por se unir, formar uma família onde todos estavam certos de estarem ali por um motivo justo quando outros tem medo, se calam. Em uma semana de ocupação não nos arrependemos de nada pois, mesmo com as aulas interrompidas, estávamos ali lutando por nossos direitos. Para muitos fomos vândalos. E nós apenas dizíamos: militante até o fim! Hoje, amanhã, quem sabe, poderemos estar aqui de volta! #famíiacepan.

Nos jogos, oportunidade de conhecer São Mateus do Sul, Paulo Frontin, Castro, Apucarana, Curitiba. Na capital tivemos o privilégio de conhecer a arena onde ocorreram os jogos de voleibol no Grand Prix. Ali jogaram Sérvia X EUA e Rússia X Canadá. Foi um sonho realizado só de estar ali vendo atletas profissionais de seu esporte preferido e também, da arquibancada, ver aquele pessoal bem pequenininho lá embaixo.

Viagens da sala! Com a professora Paula, fomos ao Baú! Com professor Célio fomos no Moro. Com professor Lúcio para a Lapa.



Já na primeira série do Ensino Médio, numa atividade de Educação Física em trio, era um acororado no chão, outro apoiado nele e um de pé em cima deles, no caso, era eu. Subi na carteira, quando coloquei meu pé no colega, a carteira virou. Eu caí e me machuquei. Não conseguia ficar sentada, machuquei a espinha.

Tenho uma lembrança que professor Célio escreveu pra mim no fim de ano de 2013.

A primeira vez que passei na prova da Olimpíada de Matemática foi em 2013. Em todas as provas da OBA realizadas, tirei em uma única prova 5,50. Apenas nessa criei expectativas de receber medalha lá na frente. Fiquei na expectativa.

Em 2016, no dia 03/06/2016, aconteceu a primeira corrida de rua do Cepan. Nesse dia, estudava no nono C. Ganhei em primeiro lugar do pelotão nono/Ensino Médio. Na corrida, o meu número era 222, tinha de entregar o papel para o professor Lúcio lá em cima, na praça. Na saída lá da praça estava o professor Célio servindo água. Na hora, tomei metade do copo. Sem querer, ao devolver, joguei o resto da água nele. No caso, molhei ele. Chegando no fim da corrida, já faltava ar, fôlego, até que cheguei. Deitei no chão, na calçada. Começou uma coceira pelo corpo, rosto, braços vermelhos. Saiu um monte de bolinhas no meu braço. Eu sentia uma febre pelo corpo. Tinha uma enfermeira na hora. Pedi orientações a ela. Me recomendou passar muita água. Passei bastante, daí melhorou.

Em 24 de outubro de 2016 teve a primeira Festa da Primavera do Cepan. Era candidata a rainha e vendi R\$ 800,00 de votos. Todo dia eu saía para vender os bloquinhos que custava R\$ 50,00 cada bloquinho. Tinha dias que não vendia nem um número sequer. Em outros, dava lucro. Fiz a mãe comprar um vestido. Chegou o dia. Começava as 13:30 horas e ia até as 19 horas. As 13:15 horas eu já estava lá. A decoração estava muito linda.

A professora Andreia disse que podia ainda vender os bloquinhos. Começamos a vender lá dentro. Saímos pelo comércio, de salto alto. Outras candidatas queriam ir comigo vender.

Não daria certo. Chamei minhas colegas para ajudarem a vender. Tinha uma lá que me tomou os blocos e foi no “Tio Patinhas” vender lá pros meninos. Segundo ela, o menino disse que só comprava se ela beijasse ele. Ele comprou. Enfim, minha mãe, minha prima, colegas me ajudaram a vender até que a Andreia falou que tinha só mais cinco minutos. Eu já não tinha mais para quem vender, daí, a outra candidata pediu para o padrinho dela ajudar a vender. Ele foi rápido. Deu R\$ 200,00 e comprou. Acabou o tempo. A menina ganhou o concurso de rainha. Eram três princesas. Eu ganhei de primeira princesa, com direito a faixa. Como vendi R\$ 800,00, ganhei R\$ 80,00 e mais uma saia. Já a rainha ganhou R\$ 100,00, uma cesta de produtos de beleza, uma sessão de fotos (book) e mais um presente. Por mim, eu queria ser a rainha. Mas, havia pedido a Deus que, se acaso não fosse, me deixasse ser princesa. Fiquei muito feliz neste dia. Meu pai disse depois, que eu nunca mais entrasse nesses concursos, nunca mais pegar essas coisas pra vender, gastar sola de sapato e depois vir outro com mais dinheiro e comprar vários blocos na última hora.

Em 2016 também o diretor não deixou nossa turma viajar, nem fazer camisetas ou festinhas na sala.

Neste ano também fiz meu primeiro bolo de fubá no colégio com as professoras Alzenir e Iara. Nesse tempo, na aula de Matemática, professor Cristiano chamou a pedagoga porque a menina pegou a chave e se trancou na sala com um menino. Como eu era líder, a pedagoga caiu em cima de mim.

Em 2016 ainda ganhei na Gincana do Dia dos Estudantes a prova do “desenho que representava o dia”. Dei também meu primeiro beijo no colégio. Neste dia estava ocorrendo a Festa Julina. Na pescaria, ganhei uma caixinha com formato de coração com dois Bis e um papelzinho escrito: “Divida-o com a pessoa que você ama”. Comi tudo sozinha!

Já em 2017, a segunda corrida de rua. Na volta eu quase caí na rua por falta de ar e fraqueza. Encontrei o professor Marcio. Ele falou “respira e solta o ar pela boca”. Na subida da General Net,

piorou a situação. Sentia que não dava mais. Fui parando e a Mariana passou na frente. Aí pensei: “vou ter de ir, seja o que Deus quiser!”. Cheguei em segundo lugar. Não aguentava. E os colegas dizendo: “Olha seus braços!” Pois atacou de volta a alergia. Inchou o rosto. Me sentia gorda e com muita coceira na cabeça, nos braços. Pipocas grandes nos braços. Molhei, chorei muito. Na hora de receber a medalha não sabia se chorava. Me contentava pois estávamos lá, as ganhadoras em cima no colégio e o resto dos alunos na rua. Esse momento para mim foi muito difícil. Atacou junto o emocional. Titi Marcio me entregou a medalha. Depois, o diretor Vilmar perguntou se eu queria ir ao hospital. Eu disse que não. Não sentia nada. Apenas chorei. Cheguei em casa, fui ao hospital e a médica disse: “Isso não é nada! Não é alergia nada. É frescura!”. Fui por conta própria na farmácia e comprei um antialérgico.

Ainda neste ano de 2017 todos assinaram ata por conta do furto da lanterna de um colega. Também no meio do ano, o colega Bottega estourou uma bomba no banheiro masculino bem na hora em que eu estava passando. Levei um susto que o coração quase parou. De repente, a multidão se reuniu e o colega escapou pelo meio. O diretor Vilmar apareceu mas ninguém pegou ninguém. Já no final do ano, esse mesmo colega reapareceu na malandragem. Era um dia em que a maioria das salas estavam sem aula. Era no horário da quarta aula. Maioria do povo na frente do colégio, quando o colega estava lá no pé de Ypê brincando com o extintor, tentando abri-lo. Quando ele conseguiu foi aquele pó branco pra todo lado. Ninguém enxergava ninguém. Até quem estava lá embaixo ficou todo branco. Eu e Augusto corremos mesmo assim. Eu tossia. Meu cabelo ficou branco. Neste dia havia promoção de pasteis no colégio e o diretor estava na cozinha ajudando por isso ele demorou para aparecer. As pedagogas foram lá e acusaram outros dois colegas, inclusive chamando os pais dos mesmos. Faltava menos de uma semana para a formatura deles.

Este colega do extintor não foi na colação. Só apareceu no baile. O baile, infelizmente não pode ser muito aproveitado visto que teve tiros com colegas baleadas.

Já agora em 20/03/2018, na segunda aula, era aula vaga. Fomos na quadra e pedimos ao Titi Marcio para que nos deixasse jogar. Joguei bastante vôlei até que, em determinado momento a minha calça descosturou. Para a minha sorte, eu estava pro lado da parede e ninguém viu. No momento eu estava jogando. Puxei minha parceira pro lado, pedi a blusa. Ela não queria emprestar. O jogo parado e o povo gritando pra seguir o jogo. Disse pra entrar o próximo time. Arranquei a blusa dela na marra, corri pra sala e botei a minha blusa na cintura, dei dois nós e ainda fechei o zíper na frente. Todos os meninos me zoaram quando eu saí da quadra. Gritavam para eu tirar a blusa. Mande todos irem à merda. Pensei em ir à procura de um fio com agulha, mas me preocupei que poderia descosturar de novo. Por coincidência, neste dia descosturou a calça de mais dois colegas, do Augusto e do Coffee! Antes de sair de casa ainda havia pensado que deveria andar munida de agulha e fio para o caso de necessitar. Foi uma força do além me mandando aviso.

Na quarta-feira 28/03/2018 fizemos uma baladinha na sala de aula. Um colega fazia efeitos com a luz, outro estava com uma caixa de som cheia de LED...alguns dançando.

Foram muitas histórias. Desde sempre eu quis e quero zoar no colégio, ma sim, há limites.

Já em 2019, alguma merda terá que acontecer para ficar na história. Me arrependo pelo que deixo de fazer em várias ocasiões.

Mesmo não me relacionando com todos da sala, sentirei saudades da convivência, intrigas, fuzuês. Minha outra família que agora tô nem aí mas, sei que de algumas figurinhas sentirei muitas saudades. A maioria vai achar seu rumo na vida em outras cidades. Vão conhecer o mundo afora.

Conheci muita gente na redinha de vôlei da quadra. Esses tempos fui ao mercado e o açougueiro André perguntou se era eu aquela menininha que jogava vôlei (há exatamente seis anos atrás). Me senti feliz por lembrar da pouca evolução e de como aqui estou.

Sempre no primeiro dia de aula é épico. Só de entrar pelo portão, subir as escadas, você olha para um lado, olha para outro, outras pessoas te olhando. Me sinto no tapete vermelho, no hall da fama.

Muitos colegas tenho o prazer de não chamar de amigos. Pois amigo, para mim é uma pessoa que exerce esse papel sendo amigo. Não achei ninguém para exercer esse papel.

Procuro guardar meus cadernos, boletins, trabalhos, provas para lembrar de todo sofrimento que tive.

De todos esses anos no Cepan, a primeira e única vez que teve polenta com salsicha foi quando eu estava no segundo ano do primário. Nunca mais teve isso.

Vale lembrar que em todos esses anos no Cepan, foi a primeira vez que ganhamos chocolate na Páscoa. Isso aconteceu em 28/03/2018. A professora Alzenir nos presenteou com um Sonho de Valsa e logo depois apareceu João com sacolas do Giacomini com coelhinhos de chocolate. Ficamos tão felizes. Bom! Eu até bati palmas!

“O fim é apenas o começo!”

P.S. Desculpa ao colega Jaison por chamar ele de Djeizon!



## **Editora Monstro dos Mares**

www.monstrodosmares.com.br

editora@monstrodosmares.com.br

Caixa Postal 155

União da Vitória – PR

84600-970

## **Editores**

Claudia Mayer

Lívia Segadilha

Tiago Jaime Machado

## **Conselho Editorial**

Daniel Santos da Silva

Dulceli Tonet Estacheski

Eliana de Souza Ávila

Emeson Tavares

José Vandério Cirqueira

Lucimar Braga

Marcelo Spitzner

Pedro Gustavo Rieger

Renata Gonçalves Gomes

Renata Lucena Dalmaso

**Catarse:** *catarse.me/monstromensal*

**Lojinha:** *monstrodosmares.com.br*

**Blog:** *monstrodosmares.milharal.org*

**Face:** *facebook.com/monstrodosmares*

**Insta:** *@monstrodosmares*

**E-mail:** *editora@monstrodosmares.com.br*

**Telegram:** *https://t.me/editoramonstrodosmares*



Nossa atividade de divulgação acadêmica e anárquica se realiza em torno do livro impresso, acessível e disponível. Seja através de distribuição gratuita, seja através de edições de baixíssimo custo disponíveis em nossa lojinha na internet, na banquinha, eventos ou mesmo de mão em mão com coletivos e singularidades.

Siga nossas redes, disponibilize seu artigo científico e/ou fortaleça o nosso bonde com uma doação a partir de 5 reais por mês em nossa rede de apoio.

**[www.monstrodosmares.com.br](http://www.monstrodosmares.com.br)**